

**Algumas
vozes anciãs
da Aldeia
Severino
Tefé/AM:
contação de
histórias e
identidade
étnica**

• Revista  **mosaico**

**Poliana de Almeida
Bruno¹**

<https://orcid.org/0000-0003-2490-543X>

Cristiane da Silveira²

<https://orcid.org/0000-0003-4397-5329>

**Some elderly
voices from the
village Severino
Tefé/ AM:
storytelling and
ethnic identity**

Resumo

Este trabalho é voltado para a tradição da contação de histórias dos/as Apurinã da Aldeia Severino/Tefé, no estado do Amazonas, uma cultura dotada de experiências e ensinamentos por aqueles/as que a praticam, que leva ao aprendizado sobre outras visões de mundo. O tema proposto surgiu do desejo de visibilizar a cultura indígena Apurinã, suas memórias e identidade. A amostragem apresentada no decorrer do trabalho é reduzida a quatro narradores/as, os quais contam histórias e estavam presentes na aldeia, aceitando colaborar com este estudo. Munduruku (2016), Gonçalves (2009), dentre outros, embasam este trabalho. A contação de histórias praticada pelos/as anciãos/ãs do local liga eles/as à sua origem, que traz e perpetua aspectos de sua cultura local entre os membros da aldeia.

Palavras-chave: Contadores/as de histórias ancestrais; identidades, Apurinã/AM.

Abstract

This work is focused on the storytelling tradition of the Apurinã of the Severino/Tefé village, in the state of Amazonas, a culture endowed with experiences and teachings by those who practice it, which leads to learning about other worldviews. . The proposed theme arose from the desire to make visible the Apurinã indigenous culture, its memories and identity. The sampling presented during the work is reduced to four narrators, who tell stories and were present in the village, agreeing to collaborate with this study. Munduruku (2016), Gonçalves (2009), among others, support this work. The storytelling practiced by the local elders connects them to their origin, which brings and perpetuates aspects of their local culture among the members of the village.

Keywords: Storytellers ancestors; identities, Apurinã/AM.

Introdução

Este trabalho é voltado para a tradição cultural da contação de histórias dos/as indígenas Apurinã, da Aldeia Severino/Tefé, do estado do Amazonas (AM). Almejamos, então, contribuir para a valorização da cultura oral dos povos indígenas e no seu reconhecimento étnico como Apurinã da referida Aldeia. Na atualidade, os povos indígenas são considerados por muitos como pessoas sem cultura ou inferiores, e este é um caminho para enaltecer algumas vozes, que podem fazer com que outras sejam ouvidas e reconhecidas.

O tema proposto integra a pesquisa de Mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Nesse trajeto, elaboramos e aplicamos um projeto voltado para a contação de histórias, uma tradição cultural praticada pelos indígenas supracitados. A experiência nos instigou a conhecer e a divulgar mais a cultura indígena, envolvida em hábitos e costumes que muitas vezes estão presentes em nosso cotidiano, pois somos pessoas miscigenadas de diferentes modos e vivemos o processo de hibridação.

Assim, objetivamos: analisar a tradição cultural da contação de história oral na Aldeia Severino Tefé/AM; identificar os/as Apurinã que praticam a narração de histórias; navegar sobre as narrativas orais dos/as contadores/as; enaltecer a cultura indígena Apurinã.

Os/as Apurinã são homens e mulheres que vivem a tradição da contação de histórias, mas também a do futebol, da dança, das brincadeiras saudáveis e divertidas, a da roça (plantação), da pesca, a cultura da benzedura (reza). Os/as anciãos/ãs do local, com sua sabedoria, continuam repassando, através das práticas da contação de histórias, o seu olhar e a sua leitura de mundo sobre o espaço que os rodeia.

A Aldeia é de população pequena, um povo simples e acolhedor, onde as casas das famílias e vizinhos são próximas umas das outras e sempre têm o costume de partilhar entre eles/as, a caça, o peixe e a fartura de frutas e alimentos. No local, não há o funcionamento de energia direta por 24 horas, apenas a utilização de um motor com abastecimento de combustível que propicia eletricidade por algumas horas. Este motor é ligado às 18h00 e desligado às 21h00. Assim, as velas,

as lamparinas, as lanternas, durante a noite, são utilizadas a partir da falta do referido motor. Nos dias atuais, os/as Apurinã, após o trabalho e no final da tarde, se reúnem no espaço aberto da Aldeia para conversar. Nesse diálogo, surgem as histórias, que estão presentes nos momentos cotidianos.

O local onde os/as Apurinã passam a maioria de seu tempo, no trabalho da agricultura, em suas pescas, nos seus afazeres diários, é muito calmo. Normalmente saem de manhã e retornam no final da tarde para suas casas, e é nesse horário de fim de tarde ou à noite que podemos localizá-los em suas moradas. Eles/as possuem o costume de tomar banho e de realizar seus serviços como lavar louças e roupas na beira do lago. Há funcionamento de poço artesiano, mas este é utilizado somente como água potável para beber, devido não haver energia direta na aldeia para bombear e fazer o abastecimento de água nas casas.

Na Aldeia Severino existe a Escola Municipal Indígena São Paulo e, por isso, professores de diferentes áreas da cidade de Tefé passam a residir na Aldeia durante o ano letivo, para ministrar aulas aos estudantes Apurinã no referido local. Além disso, possuem um professor bilíngue, que ensina a Língua Portuguesa, mas também a Língua Indígena Ticuna. Nesse caso, a Língua Indígena que é ensinada não é a Língua Indígena Apurinã, devido à ausência de professor bilíngue que a conheça e seja fluente.

Assim, os/as Apurinã da Aldeia Severino não dominam a sua língua ancestral, mas falam um pouco em Língua Indígena Ticuna. No entanto, a língua falada de domínio diário é a língua do colonizador (o português). A presente língua ancestral era dominada por seus ascendentes Apurinã, que se tratavam e se comunicavam através dessa linguagem. No entanto, com o falecimento destes, os/as demais Apurinã, muitas vezes, influenciados pelo posicionamento preconceituoso da sociedade, foram aos poucos se envolvendo menos com essa prática diária.

A partir do contato, identificamos os/as colaboradores/as da pesquisa. Os/as contadores/as de histórias foram dois homens e duas mulheres Apurinã de 59 a 67 anos, que têm seus dados sob a garantia do sigilo e confidencialidade, de forma que aparecem com nomes fictícios, como: Raio de Sol, Brilho de Luz, Esperança e Iluminada. O anonimato dos/as narradores/as se justifica por respeito à opção

dos/as referidos/as de se manterem resguardados sob nomes fictícios¹. Foram entrevistados apenas quatro anciãos/ãs, componentes da mesma família, que estavam presentes na Aldeia e aceitaram colaborar com a pesquisa. No local, estes (as) são considerados as vozes anciãs que contam histórias, juntamente com outros dois anciãos que no período desta pesquisa estavam ausentes por questões pessoais.

A abordagem da pesquisa é qualitativa, visto que houve interpretação sobre os dados da pesquisa de campo e sobre as discussões de autores que contemplaram o eixo temático. Ainda, foi utilizada a entrevista inerente ao método da história oral, que, baseado em Goldenberg (2014), nos permitiu a obtenção de informações via a espontânea oralidade dos/as narradores/as sobre o assunto da pesquisa, dando opiniões conforme seu entendimento e realidades. Para chegar ao campo de pesquisa utilizamos transporte aquático como barco, lancha ou canoa com um motor de rabeta, ou seja, as estradas até a referida aldeia foram as águas do Rio Amazonas.

Este trabalho foi resultado de uma pesquisa de campo, realizada em dezembro de 2022, permanecendo em torno de três semanas e meia entre o povo Apurinã. O estudo seguiu conforme a autorização concedida pelo tuxaua da Aldeia Severino, em que também tivemos, através da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), as aprovações necessárias para a entrada em suas terras indígenas.

As nossas primeiras conversas com os/as narradores/as mencionados sobre a proposta de pesquisa foram tranquilas, baseadas no tempo e disponibilidade de cada um/a, visto que nos receberam harmoniosamente bem. Os/as Apurinã são pessoas acolhedoras, que nos concederam a oportunidade de viver a experiência da vida enquanto aldeia. Abriram as portas de suas casas da mesma forma como fizeram com parte de suas vidas, nos fazendo sentir também como parentes Apurinã da Aldeia Severino. Assim como no trilhar teórico de Lévi-Strauss (1996), o chegar envolveu a experiência do sentir: foram sentimentos de alegria e gratidão por

¹ Ademais, essa organização ajudará na compreensão dos resultados e resguardará os dados dos entrevistados/as estando sob sigilo ético no campo das ciências humanas. Estas questões éticas envolvidas neste trabalho estão de acordo com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP, visto que submetemos nosso trabalho ao Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, gerando o certificado de apresentação para Apreciação Ética – CAAE sob o nº 55612221.0.0000.5016, junto a CONEP.

estarmos naquele espaço e por eles/as terem aceitado colaborar nesta trajetória, em que conhecimentos se aliam.

O aporte teórico foi a base para o andamento do trabalho em campo, em que houve a observação participante. A pesquisa está embasada em autores como Daniel Munduruku (2016) e Ailton Krenak (2019), que trazem contribuições sobre a temática tradicional indígena com enfoque à prática de narrar histórias. José Reginaldo Santos Gonçalves (2009), que nas suas abordagens, apresenta as narrativas orais como patrimônios imateriais, por sua vez, ligadas aos saberes, aos sentimentos e expressões culturais, dentre outros autores que igualmente dialogam para essa conexão interdisciplinar de conhecimentos.

A prática cultural da contação de história oral na Aldeia Severino Tefé/AM

Na Aldeia Severino, ainda encontramos a prática da contação de histórias, uma cultura ancestral dotada de experiências e ensinamentos, praticada por vozes que relembram seus antepassados, trazendo deles os olhares para o presente. Por meio dessa tradição oral, exaltam o que ouviram, aprenderam e viveram, um costume que carrega valores e princípios étnicos. Desta forma, a cultura indígena é a matriz, que inclusive fundamenta o país multicultural em que vivemos.

Conforme Daniel Munduruku (2016), a prática das narrativas orais é constituída como um patrimônio, sendo este entendido, segundo José Reginaldo Santos Gonçalves (2009), como todo tipo de cultura considerado como parte inerente de um povo, que é reconhecido como uma identidade para um grupo social ou humanidade, e que representa toda uma história ou experiência vivida. O patrimônio apresenta também função educativa e histórica. É um título que se dá para um determinado bem ou expressão cultural, que tem relevância e que faz sentido para uma sociedade completa. Entre outros, existem os patrimônios culturais imateriais que estão inerentes às habilidades, às crenças, aos rituais, às festas culturais, ao modo de ser das pessoas que marcam a vivência coletiva e práticas da vida social.

Nesse caso, as histórias contadas pelos/as Apurinã são patrimônios culturais imateriais, pois, segundo Gonçalves (2009), estão relacionadas aos saberes, às práticas de ensinamentos transmitidos, aos conhecimentos enraizados no local de origem. São expressões culturais que os povos indígenas praticam em respeito à

sua ancestralidade, e que vão perpassando gerações, numa afirmação étnica de suas identidades.

A identidade, para Stuart Hall (2006), é algo formado ao longo do tempo, através de processos de socialização com as pessoas, as distintas culturas hibridadas, e o viver coletivo. Cada dia podemos construir e reconstruir o nosso “eu”, a nossa maneira de ser e de aprender, uma identificação inerente. Assim, o processo de afirmação identitária está ligado à origem ancestral dos povos, aos seus costumes, ao conjunto de características próprias que possuem, e conectado ao sentimento de pertencimento, valorização e reconhecimento.

Para Ailton Krenak (2019), a história oral remete a uma realidade, acontecimentos e conhecimentos, que neste caso são narrados por vozes anciãs a partir da sua forma de ver o mundo. Não há conhecimentos melhores ou piores, mas há histórias para serem narradas, que nascem da memória, que ensinam sobre a vida, sobre os modos de viver nos dizeres simples destes povos. Enquanto tecem suas malhadeiras, narram suas histórias numa habilidade que o tempo lhes conferiu em segredo, a partir do cotidiano.

As histórias contadas podem mostrar o universo indígena para todos, sendo os olhos de quem já viveu e vive esse tempo imaterial - passado, presente e com vistas ao futuro. As narrativas, segundo Márcia Wayna Kambeba (2021), estimulam a reflexão sobre a importância das raízes culturais como afirmativas de identidade e pertencimento ao seu lugar, mantêm viva a memória e as origens ancestrais, aproximam diferentes gerações, trazem a possibilidade de redescobrir o sentimento de identidade das aldeias que partilham os mesmos modos de vida, construindo a cultura local.

A cultura das histórias contadas é um costume ancestral carregado de resistência, uma matriz cultural que possibilita reconexão com outros seres da terra, do meio ambiente, da ancestralidade. Para Munduruku (2016), os povos indígenas ancestrais fazem suas narrativas a partir da interpretação do cotidiano, do porquê, como e em que momento surgiu. As histórias são ecos da terra e nascem dela, são pensamentos de uma natureza que é intrínseca a uma nação que não consegue pensar a vida sem a relação de dependência e de pertencimento com ela (KAMBEBA, 2021). Narrar é fazer viva uma história.

A tradição cultural das narrativas na Aldeia Severino é praticada

principalmente pelos/as anciãos/ãs, considerados os guardiões da memória do povo, do referido lugar onde vivem e sobre o que já viveram. São guardiões porque revivem suas lembranças, trazendo delas as experiências e o olhar de mundo que se consolida em aprendizado e escuta. Nos momentos de convívio, de partilha e troca de trabalhos, as suas narrativas se fazem presentes, como representado na Figura 1. Na casa de farinha (conhecida também como cozinha de forno), os/as Apurinã dividem o espaço entre a produção de farinha, de beijus, bolos de macaxeiras e contação de suas histórias.



Figura 1 – Casa de farinha utilizada em conjunto na Aldeia Severino – Tefé/AM.

Fonte: Foto do arquivo pessoal das autoras, 2022.

Os mutirões, também chamados de ‘ajuris’ (os trabalhos coletivos), acontecem rotineiramente na Aldeia Severino e as casas de farinhas são utilizadas por todos/as, estabelecendo momentos em que ocorrem as contações de histórias sobre contextos diversos.

Para Iluminada, exercitar a prática de narrar é também fazer do ambiente um clima de sorrisos, até mesmo para descontrair da tensão do trabalho árduo. Relata: “a gente quando reúne pra trabalhar a gente se ajuda e eu gosto muito quando tamo reunido, aí tem sempre um que faz a gente rir com as coisas que conta e quando a gente vai ver já terminamo o trabalho, pode ser besteira mas alegre a gente” (Iluminada, 2022, informação verbal)². A prática cultural de narrativas é, segundo Munduruku (2016) e Gonçalves (2009), um patrimônio imaterial que tem relevância e

² Relato fornecido por Iluminada às autoras, em Aldeia Severino Tefé/AM, em dezembro de 2022.

sentido para um povo.

Conforme diz Esperança, essa prática de contação de histórias sempre existiu na Aldeia, visto que, em casa, as vozes anciãs de seus avós eram presentes. De acordo com ela, as histórias podem surgir em qualquer momento:

Eu lembro das noites que a gente ficava acordado ouvindo meu avô contar as histórias dele. E até hoje nós tem esse costume, na boca da noite quando a gente tá junto a gente conta histórias. Quando a gente tá na roça arrancando mandioca, plantando no roçado, na cozinha de forno, em casa ou em outro lugar que tu ver aquele montinho [pessoas reunidas], pode ver que tem histórias. (Esperança, 2022, informação verbal)³.

Baseado em Esperança e segundo Ailton Krenak (2019), cabe ressaltar que as histórias são narrativas que qualquer pessoa anciã pode contar e se trata de algo espontâneo, que ainda faz parte da cultura indígena. Na Aldeia, a contação de histórias é praticada de forma conjunta, quando se reúnem e se põem a conversar, como vimos nos depoimentos de Iluminada e Esperança. As pessoas acolhem e se harmonizam, sendo um hábito cultural aceito, uma vez que há respeito e atenção pelos mais velhos, as vozes latentes deste lugar.

Para Munduruku (2016), a arte indígena de narrar é uma forma artesanal de comunicação, assim como são as práticas de tecer as peneiras e os tipitis, de pintar as cuias e consertar as malhadeiras e tarrafas debaixo da mangueira ou de outra mãe-árvore. A seguir, temos na Figura 2 uma dessas formas artesanais de comunicação, a tecelagem.

À medida que Brilho de Luz vai tecendo seu paneiro, também realiza a arte da tecedura⁴ de saberes, mostrando e dizendo como faz e como aprendeu, contando, além disso, um pouco de suas histórias.

A gente só consegue as coisas lutando e com muita paciência. Pra você aprender fazer um paneiro você tem que ter paciência se não, não vai... Eu aprendi com meu pai, quando ele ia atrás de cipó no mato eu ia também, e eu gostava porque às vezes ele me levava carregado no paneiro quando queria chegar rápido ou pra me proteger de alguma cobra no caminho ou, sei lá, de outra coisa.

³ Relato fornecido por Esperança às autoras, em Aldeia Severino Tefé/AM, em dezembro de 2022.

⁴ A habilidade de tecedura, nesse caso, se refere ao modo de narrar, contando o que sabe e ouviu sob um entrelaçar de lembranças, com conexão ao passado fazendo a memória ancestral apuriná presente. O tecer está em produzir com palavras ensinamentos e orientações, numa mistura de experiências de vidas que oriunda nesta tecelagem, ligação ou troca de saberes um com o outro.

Minha mãe com meu pai falava pra nós ter atenção quando for fazer as coisas, andar no mato com cuidado por causa também da curupira do mato que gosta de fazer misura pras pessoas e de levar criança desobediente, porque ela se transforma em tudo o que ela quiser, e falavam que ela gosta de pegar cunhantã desobediente também. E a gente tem que ter coragem porque se você tiver medo é pior, minha avó dizia que quem tem medo sofre mais. (Brilho de Luz, 2022, informação verbal)⁵.



Figura 2 – Brilho de Luz tecendo paneiro na Aldeia Severino – Tefé/AM.

Fonte: Foto do arquivo pessoal das autoras, 2022.

Brilho de Luz produz com habilidade muitas artes de recursos naturais. Possui o dom de envolver as pessoas com sua voz paciente e experiente, convocando na contação de história, segundo Munduruku (2005), uma memória da sabedoria indígena que carrega em suas cosmovisões, além de repassar aos novos o que os velhos ensinaram. A narrativa sobre a curupira constitui um guia em prol da sustentabilidade ambiental e orientações para os jovens.

A tecelagem, conforme Brilho de Luz, é uma produção que envolve paciência, assim como outras atividades. Os/as narradores/as do referido local, mesmo em seus momentos de fala, não param de fazer o que estão realizando: narram varrendo, lavando louças, dando continuidade nos seus trabalhos, porque têm essa habilidade de tecedura. Entretanto 'à boca da noite' (início da noite), já com mais calma, sentam-se para estes momentos, também uma hora de descanso da rotina. Percebemos o apreço que eles/as têm por essa prática da tradição oral.

⁵ Relato fornecido por Brilho de Luz às autoras, em Aldeia Severino Tefé/AM, em dezembro de 2022.

Ao analisarmos a prática da contação de história na Aldeia, observamos como cada um tem o seu modo de narrar, de como se comportam quando estão envolvidos em suas narrações. Iluminada e Esperança têm mansidão e calma em suas vozes, falam com tranquilidade, e olham nos olhos e fazem imitações sobre o que estão contando, reproduzindo no tom de suas vozes as sensações. Raio de Sol e Brilho de Luz também produzem performances, realizam gestos com o corpo, contagiando o espaço onde estão. Raio de Sol, com seu jeito empolgante, animado e engraçado, repassa essa energia. Brilho de Luz é mais calmo, mais tímido, mas alegre e acolhedor. Interagindo com ele, diz:

A gente costumava ouvir muitas histórias do meu avô, ele com minha avó falava a história do boto, que encantava as pessoas e levava com ele pro fundo do rio. Minha avó falava pras minhas irmãs não andar sozinhas por aí porque era perigoso, na mais quando estavam naqueles dias [período menstrual]. Minha vó ensinou pra não tomar banho na beira do lago quando está assim e nem andar pra nem um canto de canoa porque faz mal, e menina moça tem que andar com alho no bolso pra espantar qualquer encanto, mal olhado que às vezes pega. Quando eu escutava as histórias do meu avô às vezes eu ficava pensando, ia dormir às vezes com medo porque fica na cabeça da gente, mas eu gostava. (Brilho de Luz, 2022, informação verbal)⁶.

Em consonância com Munduruku (2005), fazer viva a memória do avô é relembrar o que também aprendeu mediante a leitura de sua imaginação com a realidade que vive. A narração sobre o boto pode servir como orientação de vida para as jovens, visto que é sempre considerado como um animal de encantos, no sentido simbólico de autocuidado com o corpo e a mente. Os/as Apurinã costumam aconselhar suas filhas sobre os perigos em torno da vida humana como, por exemplo, contra o abuso sexual. De certa forma, o boto que encanta as moças, engravida ou leva consigo para o fundo do rio, pode se configurar como o homem branco de característica colonial, mas ainda presente hoje, causando influências e ações negativas. Por isso, andar sozinha pelas beiradas dos rios ou até pelas florestas não é recomendado pelos mais velhos, um direcionamento por proteção.

As histórias do boto, do curupira ou outra narrativa promovem um sentimento de pertencimento ao lugar residente, orientam filhos e netos e são narrações que cada pessoa tem um modo distinto de contar e interpretar.

⁶ Relato fornecido por Brilho de Luz às autoras, em Aldeia Severino Tefé/AM, em dezembro de 2022.

Os/as indígenas Apurinã que praticam a contação de histórias orais

Raio de Sol é agricultor, pescador, artesão, uma pessoa ativa, que mora na Aldeia Severino há 66 anos. Segundo ele, nunca pensou em sair deste lugar, pois já se sente pertencido desde que nasceu. Assim, narra: “eu nasci aqui, me criei aqui e eu nunca quis sair daqui porque aqui tá a minha raiz, nós veve a nossa cultura, eu gosto daqui, [...] é aqui que eu me sinto bem.” (Raio de Sol, 2022, informação verbal)⁷. Raio de Sol eleva o seu lugar de origem, uma aldeia de poucas pessoas, mas onde se identifica.

A Aldeia teve início com a chegada dos ascendentes de Raio de Sol. Nas suas narrativas, sempre relembra essa conexão familiar que os unem até hoje. Conforme Aline Abreu e Eliane Potiguara (2014), as narrativas sobre as raízes de cada um, seus antepassados e as conexões familiares se cruzam para também afirmar identidades, e, neste lugar, constroem lares e sentimentos. Seus modos de vida e cultura foram ressignificados, adquirindo atribuições mediante o diálogo com outras pessoas e a dinamização das culturas, no processo de (re)construção de identidades, forma de pensar, ser e agir.

Raio de Sol é considerado o tuxaua da aldeia, um Apurinã de experiência, de conhecimentos, e, assim como seus parentes Apurinã: cada um possui seus valores, princípios e modos de ser. Segundo ele, o local onde mora só foi reconhecido como aldeia em 1991, visto que antes era chamada de Comunidade Rural Severino, apesar da identificação interna como Aldeia Severino do Grupo Tradicional Apurinã. Neste caso, sobre os desafios de reconhecimento e garantia de seus territórios, Bruce Albert (1991) complementa que o reconhecimento das terras destes povos originários é um direito histórico, enfatizando a valorização de seus costumes, tradições e cultura.

Brilho de Luz também é agricultor, pescador, sabe as artes dos artesanatos. Por ser irmão de Raio de Sol, possuem a mesma origem familiar. Ambos geraram suas famílias, que constituíram com o passar do tempo morando na Aldeia. Brilho de Luz e Raio de Sol partilham as orientações que receberam de seus pais e avós para seus primogênitos e conterrâneos.

⁷ Relato fornecido por Raio de Sol às autoras, em Aldeia Severino Tefé/AM, em dezembro de 2022.

Assim como Raio de Sol, Brilho de Luz se tornou um contador de histórias ouvindo-as de seus pais e avós, sendo a prática que os conectam à cultura indígena, conforme nos conta:

O papai de noite era acostumado contar histórias pra nós, a lamparina ficava acesa até nós ir dormir igual nós faz hoje. Meu pai falava pra nós nunca gritar atoa porque o grito da gente pode servir como aviso ou como sinal de chamamento, e se a gente ficar gritando atoa ele não pode saber da onde ele tá se a gente tá precisando de ajuda ou se alguma coisa tá acontecendo com a gente, é igual a mentira, se você é acostumado mentir, como é que você quer que a gente acredite em você se você mente. O que a gente sabe a gente tenta ensinar porque também é nossa cultura, dos nossos avós passa pros nossos pais e os nossos pais passou pra gente, por isso nós é uma ligação também, a nossa cultura é ligada a nós, pra aquilo que nós é. (Brilho de luz, 2022, informação verbal)⁸.

Brilho de Luz relembra princípios étnicos que aprendeu ouvindo dos seus pais, que fazem parte de sua educação familiar. Aliás, recebiam orientações sobre fazer uso da comunicação em voz alta quando estivessem em ambientes distantes um do outro, eram orientados a não mentir, pois a palavra mal lançada pode distorcer toda uma realidade e acarretar a perda de credibilidade e confiança. Ressalta a conexão com os costumes que aprenderam e que são ligados, porque são raízes presentes de suas ancestralidades. Como Abreu e Potiguara (2014) ressaltam, as suas vozes anciãs se fazem vivas em suas memórias.

Na Aldeia, Brilho de Luz costuma sair 'antes do dia clarear' para colocar a sua malhadeira na água, seguindo para o caminho de sua roça, onde realiza plantações acompanhado pela esposa. No seu retorno para casa, costuma ficar sentado em frente ao espaço de sua residência conversando e realizando sua produção de artesanato, onde alguns de seus filhos, netos e a esposa também costumam estar. Nesse momento, jovens e crianças se encontram próximos praticando atividades.

Iluminada, a esposa de Raio de Sol, por sua vez nos relata:

Meus pais me aconselharam que eu ainda era muito jovem pra casar, tinham preocupação comigo, mas não impediram que eu casasse com Raio de Sol. Com a permissão de meus pais eu fui morar com Raio de Sol, e aqui nós casamo, tivemos nossos filhos,

⁸ Relato fornecido por Brilho de Luz às autoras, em Aldeia Severino Tefé/AM, em dezembro de 2022.

fizemo a nossa casa, formamo a nossa família. Nós era jovem mas com a orientação de nossos pais soubemo se virar. Os anos que eu vivi com meus pais também aprendi muita coisa. Meu pai era agricultor, de noite caçava, fachiava [pescava à noite], era muito trabalhador e nunca deixou faltar nada pra gente. E o meu pai também tinha costume de contar histórias pra gente. Minha mãe ajudava meu pai na roça, lavava roupa na beira do rio, e eu era a filha mais velha deles, eu cuidava dos meus outros irmãos. Nós tinha a nossa vivência, que também era boa. Mas hoje o nosso lugar aqui ainda é animado, de pessoas boas. (Iluminada, 2022, informação verbal)⁹.

Navegando sobre sua memória, Iluminada recorda os momentos positivos de infância. Seu pai sempre foi batalhador e contador de histórias, e sua mãe o ajudava no que podia, seja na roça, em casa, nos trabalhos diários deles. Ao lembrar, afirma sua identidade como indígena Apurinã da Aldeia Severino.

Iluminada (Figura 3) é agricultora, artesã, pescadora, e tem o dom de lidar com os procedimentos para acompanhar a gravidez e o nascimento da criança (parteira). Neste último caso, as mulheres grávidas costumam ir até ela para ‘pegar a barriga’, processo de exame da criança, massageando delicadamente a barriga da mãe gestante, e verificando a posição preparatória da criança para o parto. Além disso, ela costuma orientar sobre o que fazer ou não nesse período de gestação, para os cuidados tanto com o/a bebê quanto para com a mãe.



Figura 3 – Iluminada, na Aldeia Severino – Tefé/AM.

Fonte: Foto do arquivo pessoal das autoras, 2022.

Na Aldeia Severino, Iluminada escuta e conta histórias. A voz anciã é uma linguagem atuante em prol do bem-estar de todos, da cultura, da história, do lugar

⁹ Relato fornecido por Iluminada às autoras, em Aldeia Severino Tefé/AM, em dezembro de 2022.

de pertencimento (KRENAK, 2019), e, por isso, os/as anciãos/ãs são considerados/as essas vozes, que encantam, alegram e ecoam a favor do povo.

Esperança é irmã de Raio de Sol e Brilho de Luz, cunhada de Iluminada. É também agricultora, pescadora, costureira, sabe lidar com a produção de artesanatos, e possui conhecimentos sobre a reza (benzedura). Cresceu, formou família e continua morando neste espaço de origem. Conforme Esperança:

Nesse lugar foi onde nós cresceu e se criou. Minha mãe sempre foi muito trabalhadora com meu pai. Desde pequeno a gente andava por todo esse canto aqui, corria pra lá e pra cá nessa beirada, gostava de escutar o canto dos passarinhos e imitar eles, era legal, e quando a gente imitava ele cantar ele respondia, é como se ele tivesse conversando com a gente. De noite quando ia dormir sempre escutava a coruja cantar bem perto de casa, ela é bunita mas eu tinha medo, eu me arrupiava quando ela cantava, porque a mamãe falava se a gente não obedecesse, o corujão ia vim pegar e levar com ele pro olho do pau, mas a gente sempre obedeceu nossos pais com nossos avós. Hoje eu já tô velha, mas eu não me sinto velha não, ainda tenho força pra trabalhar, pra fazer as coisas, ainda lavo roupa, lavo vasilha, costuro, vou pra roça, gosto de pescar, cuido das minhas plantas, das galinhas, eu faço muita coisa ainda, porque eu gosto. Se eu ficar parada, se eu fou dormir durante o dia pra mim eu já vou morrer, me sinto mais bem fazendo as coisas. (Esperança, 2022, informação verbal)¹⁰.

Com delicadeza, Esperança narra a simplicidade e o encanto de se viver no lugar onde nasceu. Ressalta suas pequenas aventuras de infância, em que corria pelos espaços da aldeia, valorizando o canto dos pássaros. Em sua ingenuidade, respeitava as palavras de sua mãe, obedecendo a seus conselhos. É uma anciã de vigor, que enfrenta as limitações da idade com bravura, uma pessoa animada e de autonomia.

A arte do contar: navegando sobre as narrativas dos/as contadores/as de histórias

As narrativas deste tópico correspondem às experiências nos espaços amazônicos da Aldeia Severino, atualizadas nas memórias dos/as anciãos/ãs contadores/as de histórias do referido local. São histórias ligadas às atividades de caça, pesca, coleta de castanha, experiências vividas e ouvidas, oriundas de suas

¹⁰ Relato fornecido por Esperança às autoras, em Aldeia Severino Tefé/AM, em dezembro de 2022.

histórias culturais.

Raio de Sol nos relata sobre os cuidados que se deve ter em meio à mata, visto que é necessário ter o olhar atento para cada detalhe ao seu redor. Assim como todos nós temos as nossas vozes próprias, a natureza também tem a sua:

Teve uma vez, que um neto meu já adulto foi caçar com um amigo dele pra cá pra esse lado de dentro da aldeia, um pouco longe daqui. Daí eles se separaram, meu neto foi pra cá e o outro foi pra lá, que é uma coisa que a gente nunca deve fazer quando duas pessoas saem pra caçar. Aí, depois de muitas horas, parece que deu vontade do meu neto ajuntar tucumã debaixo do tucumazeiro, quando de longe o outro amigo dele avistou ele, mas o amigo dele disse que na vista dele não era ele, era um porco do mato, porque debaixo do tucumazeiro não falta bicho não, é cutia, é viado, porco do mato, tudo vão pra lá pra comer tucumã. Daí, o meu neto intertido lá ajuntando tucumã, o outro foi chegando mais pra perto pra atirar no porco do mato que tava vendo lá debaixo do tucumazeiro, mas que não era, era o meu neto. Ai ele atirou, quando ele atirou ele correu pra lá, e quando ele chegou ele viu que não era o porco do mato, era o meu neto. Ai o outro pegou ele nos braços tentou espertar ele, mas não conseguiu, porque como que vai escapar de um tiro desse. Daí, ele desesperado trouxe ele, e o homem ficou quase doido porque pra ele, na vista dele era um porco do mato que ele tava vendo, ele disse que ainda chegou mais perto pra ter certeza, mas a imagem do porco do mato era o que ele tava vendo. E nós na hora ficou é claro revoltados, os pais dele com os outros meus sobrinhos e netos querendo matar o homem que tinha atirado nele, e o homem se entregou, falou que quisesse matar ele podia matar porque até ele já queria morrer porque não acreditava no que ele tinha feito não, aquela imagem do porco do mato não saia da cabeça nele. Mas ninguém fez nada com ele não, porque nós aqui não mata ninguém não, mas na hora da raiva a gente fala besteira e pode fazer besteira também. O homem podia até ter se confundido, mas a mata às vezes é um mistério, porque se tu tá querendo matar algum filho meu, tu acha que eu vou deixar? porque todo pai é protetor, igual a mata, a mata também tem os meios de proteção dela, de proteger também os bichos, que pra nós as vezes é invisível, nem todo mundo enxerga não, mas que existe. (Raio de Sol, 2022, informação verbal)¹¹

Raio de Sol expressa uma realidade sobre os perigos envolvendo o hábito de caçar, havendo, para isso, atenção e observação. A mata, para Raio de Sol, possui seus encantos, carregada de mistérios invisíveis que, na concepção indígena Apurinã existem, visto que é considerada protetora de seus fenômenos naturais. Contudo, em atividade de caça é recomendado não sair juntos ou não se separar nesse momento, pois, no ato de descuido ou até mesmo por falta de experiência, um

¹¹ Relato fornecido por Raio de Sol às autoras, em Aldeia Severino Tefé/AM, em dezembro de 2022.

pode ferir o outro mortalmente.

Experiências como essa levam para uma memória indígena sofrida, por se tratar de um acontecimento inerente ao seu ente familiar e conta como exemplo para os demais jovens da aldeia, para precavê-los e orientá-los. Se constitui em uma memória baseada nas maneiras de como fazer, agir e se comportar diante de situações que muitas vezes exigem preparo. Baseado em Márcia Nunes Maciel (2016), os modos e fazeres são ligados às maneiras de viver na Aldeia, fazem partes da construção de identidades e afirmação étnica.

Brilho de Luz enfatiza sobre as situações de precauções em ambiente de pesca, visto que os rios também têm ‘os seus antigos’, aqueles que vivem neles há muitos anos. Ressalta:

Uma vez, eu tinha saído já de noite pra pescar com a mulher, quando de repente lá na beira do igapó, eu vi aquele dois olhos iluminados que pareciam aqueles holofotes de barco grande vindo em nossa direção. Daí eu já sabia que boa coisa não era e só podia ser cobra e daquela maceta porque era grande. Aí eu tava com a lanterna focando e quando aqueles olhos grandes vinha vindo eu apaguei a lanterna, porque com certeza a luz da lanterna tava chamando atenção dela por isso ela tava vindo em nossa direção, e se eu não tivesse apagado quem sabe ela tinha alagado a nossa canoa e pego nós, porque a luz é chamativa pra qualquer animal. Quando eu apaguei, aqueles olhos foram sumindo pro fundo, a onda foi baixando, mas o banheiro dela ainda bateu na nossa canoa. E a gente querendo ou não fica espantado, mesmo tendo experiência, mas nós fica assim pensando o que poderia ter acontecido. Ainda bem que a mulher foi comigo, porque a minha avó uma vez falou que cobra grande consegue encantar uma pessoa se ela estiver sozinha, mas se for duas pessoas ela não consegue encantar tanto, porque aí são quatro olhos contra dois olhos. A gente costuma dizer que os rios tem os seus antigos, e tem mesmo. Meu avó era pescador, meu pai era pescador, e faziam muita outras coisa, que passava pra gente. E uma vez meu pai falou quando eu proguntei como era pescar, ai ele falou que pescar é emoção mas tem seus perigos, e é verdade. (Brilho de Luz, 2022, informação verbal)¹²

A pescaria é uma atividade tradicional entre os/as Apurinã. Brilho de Luz, a partir de sua própria vivência de autossustentação, dialoga com outras pessoas da Aldeia como forma de transmitir o que passou, baseado nos seus alertas e conselhos sobre esta atividade de pescaria. Como pescador, adquiriu as experiências com o pai, o avô e demais pessoas, um costume de sobrevivência que

¹² Relato fornecido por Brilho de Luz às autoras, em Aldeia Severino Tefé/AM, em dezembro de 2022.

aos poucos foi desenvolvendo a sua própria forma de pescar e agir diante de desafios.

Iluminada nos conta a sua experiência com a coleta de castanha, uma atividade de consumo produtivo presente nos costumes, e que da boa observação da castanheira:

Quando eu era mais nova com Raio de Sol, nós tinha ido ajuntar castanha lá pra dentro, mais os pais dele falaram pra nós ter cuidado, pra gente olhar pro chão que a gente pisa porque na raiz da castanheira costuma dá muita cobra, elas gostam de ficar lá no cantinho e é perigoso, e também ficar atento pra cima pra quando o ouriço de repente cair, e a gente não pode ficar muito tempo debaixo de uma castanheira, tem que ser rápido pra procurar castanha porque é perigoso sofrer acidente com o ouriço. E quando a gente foi, nós lá já debaixo da castanheira, a gente procurando castanha, eu ficava pensando, com medo também, porque eu lembrei de uma história da mulher que foi ajuntar castanha. A mãe do Raio de Sol falou que uma parente dela tinha ido ver a roça dela e de repente deu vontade dela ajuntar castanha, aí ela ouviu tipo uns assobios, e ela curiosa pra ver da onde tava vindo esses assobios, ela ia entrando mais pra dentro da castanheira chegando quase perto da raiz da castanheira. Ai, quando os assobios pararam um pouco, ela parou de andar e deu vontade dela sentar pra descansar, ai ela sentou assim em cima de um galho de árvore bem grosso, que pra ela era um pedaço de árvore arriada alí, na vista dela era. Aí ela com o terçado na mão deu vontade dela rapar aquele galho de árvore, no que ela ia rapando aquelas escamas foram caindo, quando ela viu, ela se levantou e no que ela foi olhar direito, ela tava sentada era no rabo de uma monstra da cobra, era tão grande que já nem se movia direito. E ela foi olhando da onde ela tava pra ver aonde que tava a cabeça da cobra, e quando ela enxergou, a cobra já tava era só de boca aberta atraindo ela já pra ela entrar dentro da boca dela. E ela no que viu aquilo, saiu correndo pra fora da castanheira e foi embora. E descobriu que os assobios que ela tava escutando era a cobra atraindo ela. (Iluminada, 2022, informação verbal)¹³.

Iluminada, interliga sua vivência prática da coleta de castanha com a narrativa ouvida, tecendo rede de reflexão para quem a escuta, baseado no autocuidado. O hábito de coletar castanhas é um processo de aprendizado que os/as Apurinã vão adquirindo uns com os outros, assim como para as demais atividades extrativistas e de produções artesanais. Quando menciona a presença de cobra da raiz da castanheira, significa que a coleta requer prática, pois é arriscada. Por isso, sempre há alguém experiente que conduz.

¹³ Relato fornecido por Iluminada às autoras, em Aldeia Severino Tefé/AM, em dezembro de 2022.

Munduruku (2005) ressalta que os indígenas, na sua maneira e perspectiva de mundo, educam e partilham saberes, o que se reflete em Esperança, na arte do contar, com preocupação com a educação das pessoas da Aldeia:

E aqui na aldeia nós aconselha também os nossos jovens, pros nossos filhos a gente conta o que viveu. As vezes em casa, quando a gente ver que o cunhantã é desobediente a gente conta uma história que a gente sabe ou que nós escutou pra ver se ele se aquieta e muda de comportamento, porque pra rebeldia não precisa ensinar não, ele aprende sozinho por ai. Uma vez, uma senhora que veio de outra aldeia falou pra gente que uns curumins estavam tomando banho na beira do rio pulando lá de cima da árvore, eles desciam e subiam, desciam e subiam pulando da árvore na água, e a mãe deles já tinham falado pra eles não fazerem isso que é perigoso, ninguém sabe o que tem debaixo desse rio não. Daí, quando todos subiram na árvore, o primeiro que pulou não boiou mais, e os que ainda estavam em cima e iam pular só viram aquela onda e rebojo onde o menino tinha pulado, eles só conseguiram ver que era um peixe enorme. Daí eles foram embora pras suas casas desesperados e contaram o que tinha acontecido, o pai e a mãe ficaram sem chão, desesperados chorando sem saber o que fazer. Todo mundo se moveu pra percurar [procurar] o animal que tinha pego a criança, e com muita pescaria de malhadeira pegaram um pacamã enorme [peixe pacamã], e suspeitaram que ele era o animal que tinha pego o menino porque a barriga dele estava enorme. E quando abriram a barriga dele encontraram o corpo da criança, era o curumim que tinha pulado lá de cima da árvore na água na beira do rio. (Esperança, 2022, informação verbal)¹⁴.

Para Esperança, as histórias contadas podem ter a capacidade de envolver e mudar as pessoas em suas atuações, por exemplo, os jovens e crianças nos seus comportamentos de 'rebeldia'. Observamos que ela faz essa recomendação, como base em sua aprendizagem desde infância e sobre o que ouviu, quando ainda não conhecia todos os perigos encontrados na natureza e era alertado pelas pessoas.

As histórias possibilitam o eco das vozes indígenas, fazem com que repercutam pelo mundo, assim como o vento e o canto dos pássaros. As narrativas têm asas e, quando são contadas, saem por aí voando na imaginação de quem as escuta. Elas, conforme Kambéba (2021), expressam o ser viver, o estado de contemplação da natureza, do mundo e de tudo que se move nele, num raiar de atenção, observação, meditação e aprendizagem. A prática das narrativas indígenas são filosofias de vidas que nos fazem refletir e questionar, envolvendo a conduta

¹⁴ Relato fornecido por Esperança às autoras, em Aldeia Severino Tefé/AM, em dezembro de 2022.

humana. Nesse sentido, Esperança aborda:

Nós fomos ensinados pra não ser egoísta com nossos irmãos, e não fazer com as pessoas o que nós não quer que façam com a gente. É igual a história da onça com a garça. Uma vez a onça convidou a garça pra tomar um mingau na casa dela, e quando a garça chegou na casa da onça, ela serviu o mingau na pedra, mas como a garça tem um bico, ela não conseguiu tomar o mingau, nem se quer conseguiu provar, porque a onça tem a língua dela e consegue lamber, a garça não. E no final, a onça perguntou da garça se ela tinha gostado do mingau e a garça respondeu que sim, que tava muito gostoso. Daí depois que terminou, a garça convidou a onça pra também tomar mingau na casa dela no outro dia, e a onça foi. Quando a onça chegou lá, a garça serviu o mingau dentro da cuia, que era como um bule que só passava o bico da garça. E a onça não conseguiu tomar o mingau porque a língua dela não chegava até no final da cuia pra tomar o mingau. E depois, a garça também perguntou se a onça tinha gostado do mingau: minha comadre onça, você gostou do mingau? E a onça chateada disse que não, que era pra ela ter servido em outro vaso que ela pudesse lamber. Aí a garça lembrou ela do que ela também tinha feito com ela, que a onça não pensou na garça, só nela. É história, mas é assim que as vezes a gente machuca as pessoas e nem percebe, ou se percebe, não reconhece que errou. Quem sabe a onça podia mesmo não ter se dado conta que a garça não conseguia tomar o mingau na pedra porque a pedra era o instrumento de costume dela, mas na casa da garça ela se tocou quando também não conseguiu tomar o mingau servido na cuia da garça. (Esperança, 2022, informação verbal)¹⁵.

Para Krenak (2015), a memória é um fio que nos liga aos antepassados: somos sempre levados a recordar. Esperança, em sua contação sobre a história da onça com a garça, nos lembra valores, como o momento da partilha entre pessoas, hábito visto na Aldeia, onde se troca não somente saberes, experiências, mas também materiais físicos e alimentos. Ademais, a presente narrativa pode ser compreendida como uma mensagem, ao saber ser e se comportar com as pessoas numa perspectiva de alteridade humana. Uma história que pode refletir a desigualdade social, em que há os marginalizados que, invisibilizados pela visão superior, acabam sendo excluídos. A moral da narrativa de Esperança convida que nos coloquemos no lugar do outro.

A contação de histórias: enaltecendo a cultura indígena Apurinã

¹⁵ Relato fornecido por Esperança à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em dezembro de 2022.

As vozes anciãs da Aldeia Severino enaltecem a realidade vivida em ambiente de aldeia: um povo que valoriza a coletividade e vive suas culturas diferenciadas. A contação de histórias guiadas por essas vozes transpassa a imagem de cada narrador/a, pois se fala de um conjunto de relações culturais com o mundo. São pessoas conectadas com o que lhes faz sentido, em poesias que ecoam do seu modo de ser e das suas histórias, e que valorizam e reconhecem a cultura ancestral.

Raio de Sol aborda sobre seus sentimentos afirmativos sobre o local que vive, enfatizando o hábito de contar histórias como um diálogo presente e que não pode faltar para essa interação entre pessoas.

A contação de histórias sempre foi a minha arte, é igual quando tu pinta alguma coisa, eu de vez enquanto pinto também, eu gosto de pintar as cuias, os remos, as canoas, as coisas que a gente quer pintar. E quando eu conto é como se eu tivesse pintando também, fazendo a minha pintura com as palavras, eu não sei escrever muito bem não porque não estudei muito na vida, mas eu sei pintar palavras, é a minha voz que dá vida pra essa arte. Então, contar é demais bom, até a gente veve de novo. E quando a gente conta alguma coisa a nossa voz anda por ai também, é demais bom mesmo, não deixa também o nosso lugar morrer, floresce a nossa cultura. Eu tenho orgulho da minha origem, de ser o que a gente é. (Raio de Sol, 2022, informação verbal)¹⁶.

A contação de histórias, para Raio de Sol, “sempre foi a minha arte” e, por isso, ele é um artista nas palavras, somando as suas outras habilidades únicas e admiráveis. Ressalta a sua voz como uma das que fazem reviver a memória, individual ou coletiva, do povo.

Raio de Sol se autovaloriza e se reconhece como um ser indígena que possui as suas raízes e reminiscências culturais, e, com seu jeito, faz a magia acontecer. Para João de Jesus Paes Loureiro (2015, p. 19) “a arte tem sido uma forma de encantamento, mas também de conhecimento”, e Raio de Sol é um artista de conhecimentos, de histórias, de culturas, que contagia outras pessoas.

Brilho de Luz, por sua vez, também considerado como a voz que ecoa encantos, experiências e saberes, por enfatizar e enaltecer o seu lugar e culturas originárias para quem o escuta, ressalta seus sentimentos:

¹⁶ Relato fornecido por Raio de Sol às autoras, em Aldeia Severino Tefé/AM, em dezembro de 2022.

Aqui nós somos um povo Apurinã, e como povo a gente tenta ser unido, porque é preciso se unir pelo lugar da gente, pela cultura da gente, por aquilo que a gente é. Nós temos as nossas andanças também, a gente se reuni com outros povo em outras aldeias, a gente realiza reunião, a gente senta, a gente conversa. Viver o coletivo também pra trocar conhecimentos, as nossas vivências do nosso lugar, conhecer outros parentes, outras línguas, é muito bom. E isso a gente também vai aprendendo desde criança, faz parte da cultura, vai conhecendo as coisas. Quando nós era criança papai fazia aquelas canoinhas e reminhos [remos] pra gente brincar, de tudo ele inventava de coisas de madeira pra gente, e era muito legal, a gente já tinha relação com a nossa cultura. (Brilho de Luz, 2022, informação verbal)¹⁷.

Brilho de Luz ressalta a conexão com o local residente e aborda a necessidade da união para a vida enquanto aldeia. O povo unido ecoa suas vozes, juntamente com povos de outras culturas e aldeias, para dialogar sob uma interligação interdisciplinar de saberes, direcionando e discutindo demandas em favor próprio e dos demais parentes originários.

Com seus aprendizados desde criança, relembra as artes de seu pai, algo que lhe conecta às suas lembranças familiares de uma forma positiva, vivenciando as boas emoções de ternura e uma educação que carrega consigo, e que a transmite pelo seu jeito de ser. No trilhar com Hall (2006), Brilho de Luz constituiu sua própria identidade, isto é, formou seu 'eu', sua concepção de mundo, jeito de ser com distintas habilidades, a partir da vivência coletiva na Aldeia.

Iluminada, aborda a sua ligação com o lugar de origem sob sentimento de valorização e reconhecimento deste, visto que ela também formou suas próprias raízes identitárias nesse espaço:

Por aqui eu fui crescendo, e com o tempo com os erros e acertos da gente a gente vai formando a nossa mente, o nosso jeito de pensar, porque as vezes quando a gente é nova demais as vezes a gente tem uns pensamentos meio doidos, faz coisas doidas, sei lá, coisas que faz parte dessa fase da gente porque é uma fase de descobrimento. Mas a vida dá a experiência que a gente precisa, a gente veve a experiência no dia a dia, fazendo as coisas, escutando as coisas, observando as coisas, prestando atenção nos mais velhos da gente. Tem uma netinha minha que tá sempre perto de mim quando eu tô tecendo alguma coisa, e isso é bom porque eu vejo que ela tá querendo aprender também, daí eu vou falando pra ela como é, eu fazendo e ela tentando fazer também. Eu lembrei da minha infância porque eu era assim também com a minha mãe. Nós quando

¹⁷ Relato fornecido por Brilho de Luz às autoras, em Aldeia Severino Tefé/AM, em dezembro de 2022.

tá contando uma história nós tá trabalhando também porque a gente contando parece que movimenta a gente também. Já é cultura da gente também, que eu me lembre sempre foi assim. No roçado plantando tem esse movimento também. Eu me sinto bem quando eu tô na roça, parece que a gente ganha mais energia ainda, a terra dá energia pra gente. Eu gosto muito daqui, já sou daqui há muito tempo. A minha raiz foi plantada aqui com meus filhos e netos, com as outras pessoas que mora aqui. E o sentimento da gente é sempre bom pelo lugar que a gente veve. (Iluminada, 2022, informação verbal)¹⁸.

Para Iluminada, a contação de histórias é uma prática que influencia no agir das pessoas da presente aldeia, inclusive nos modos de aprendizados. Iluminada, assim como os/as demais anciãos/ãs da aldeia, repassam suas práticas de teceduras artesanais e outros conhecimentos para as crianças e pessoas, desenvolvendo suas artes e aptidões para afazeres.

Esperança expressa que, por meio da narração de histórias, se constrói saberes, promove-se oportunidade para vozes serem ouvidas, pois uma história contada pode ser recontada por outra pessoa, valorizando os aspectos culturais e de quem a narrou:

A contação de histórias é uma porta que abre pra fazer novos saberes acontecer, outros saberes com o nosso vão surgir, vão se ligar pra quem sabe fazer outra pessoa contar a história da gente ou querer saber mais. Outras pessoas pode também contar as histórias dela também, porque a mamãe já dizia: que a vida da gente já é uma narrativa minha filha, e é mesmo. Uma vez papai falou que quem conta histórias, faz história. Porque ele com a história dele vai ser lembrado e cada um tem a sua história pra contar. E a história pra gente é aprender com ela. Tem muita coisa que a gente passa que vira histórias, daí vai indo a cultura. Papai uma vez falou que perto da cozinha de forno dele que ficava lá pro rumo da roça, tinha muita curupira que tentava mexer com ele, mas ele já estava acostumado, porque ele enfrentava os medos dele, porque ele sempre disse que nós temo que ter coragem e enfrentar os nossos medos, porque quem faz o medo é a gente mesmo. Se a gente tiver medo de alguma coisa o nosso medo vai consumir nós e a gente não avança, por isso o medo só existe se nós fazer ele existir. É igual quando tu vai apanhar açaí, se tu tiver medo de altura, as tuas pernas vão tremer e tu pode cair de lá de cima ou de repente travar, ai nem sobe e nem desce, a coisa fica feia. E eu sempre busquei enfrentar os meus medos, porque eu também me sentia protegida pelos nossos pais, mas eles dava a orientação pra gente seguir, uma cultura que faz parte de outras pessoas porque outras pessoas também ensina e tenta colocar os seus filhos pra um rumo bom. Mas é assim, a gente

¹⁸ Relato fornecido por Iluminada às autoras, em Aldeia Severino Tefé/AM, em dezembro de 2022.

crece ouvindo o que os nossos pais fala pra gente, o que eles contam pra gente, e que hoje a gente conta, contando o que a gente lembra porque é uma coisa boa. (Esperança, 2022, informação verbal)¹⁹.

A contação de histórias é uma tradição que traz benefícios não só para quem conta e escuta, mas para todo um grupo cultural envolvido, abrindo portas para partilha e conexão de visões de mundos e saberes. Conforme Núbia Litaiff Moiz Schwamborn e Thaila Bastos da Fonseca (2020, p. 60) afirmam, as narrativas ecoadas através da prática da contação de histórias “só reforçam a identidade cultural” das pessoas que, convivendo, passam a valorizar a herança deixada pelos ancestrais. As histórias contadas e costumes configuram-se, muitas vezes, como uma proposta educativa para relembrar o passado e contribuir para uma construção identitária.

Considerações Finais

Por meio desta pesquisa, pudemos participar e conviver com os/as Apurinã da Aldeia Severino, um povo das vozes anciãs aqui apresentadas. Trouxemos um pouco do que são, do que pensam, do que viram, do que ouviram, observaram e do que viveram, sendo culturas que nos envolvem. Vozes Apurinã, que buscam o bem do outro, que motivam, ensinam e fazem refletir mediante a interpretação que cada pessoa faz delas, ao ler ou escutar.

Com os seus conhecimentos e experiências próprias, os/as narradores/as realizam o que gostam e lhes fazem bem, a arte de narrar. Suas narrativas são sobre situações vividas ou escutadas, constituindo uma tradição que traz aspectos de sua cultura local. Os/as anciãos/ãs, ao contar suas narrativas, partilham e constroem saberes, que legitimam e que dialogam para a estrutura das identidades e afirmação étnica dos/as Apurinã, lhes ajudam a ser o que são hoje: Apurinã diferenciados que possuem distintas habilidades para realizar suas atividades diárias e que, com seus modos e maneiras próprias, executam na prática os seus aprendizados.

Esta experiência de campo na Aldeia Severino foi uma abertura para novos

¹⁹ Relato fornecido por Esperança às autoras, em Aldeia Severino Tefé/AM, em dezembro de 2022.

conhecimentos, vivências e visões de mundo, a partir do contato com um povo que carrega seus marcos históricos nas suas vozes anciãs, que são como uma ponte para outros enunciados serem ouvidos e enaltecidos dentro da perspectiva cultural e étnica.

Artigo recebido em 03 de fevereiro de 2023.

Aprovado para publicação em 10 de abril de 2023.

Referências

ABREL, Aline; POTIGUARA, Eliane. **O pássaro Encantado**. São Paulo: Jujuba, 2014.

ALBERT, Bruce. Terras indígenas, política ambiental e geopolítica militar no desenvolvimento da Amazônia: a propósito do caso Yanomami. **Mus. Para. Emílio Goeldi: Coleção Eduardo Galvão**, [S.l.], p. 37-58, 1991.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

“BRILHO DE LUZ”. [Entrevista cedida a] Poliana de Almeida Bruno e Cristiane da Silveira. Aldeia Severino Tefé/ AM, dez. 2022. Entrevista concedida para fins de pesquisa.

“ESPERANÇA”. [Entrevista cedida a] Poliana de Almeida Bruno e Cristiane da Silveira. Aldeia Severino Tefé/ AM, dez. 2022. Entrevista concedida para fins de pesquisa.

FONSECA, Thaila Bastos da; SCHWAMBORN, Núbia Litaiff Moiz. **Lendas Amazônicas**: legitimando a identidade cultural dos estudantes da Escola Estadual São José, em Tefé/Amazonas. Tefé, AM: Coleção Práticas de Ensino, 2020.

GOLDENBERG, Mirian. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **O patrimônio como categoria de pensamento**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Thomas Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&, 2006.

“ILUMINADA”. [Entrevista cedida a] Poliana de Almeida Bruno e Cristiane da Silveira. Aldeia Severino Tefé/ AM, dez. 2022. Entrevista concedida para fins de pesquisa.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **O lugar do saber ancestral**. São Paulo: Uk’a Editorial,

2021.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**. São Paulo: Companhia da Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Tembetá – Conversas com povos indígenas**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2019.

KRENAK, Ailton. **Encontros: Ailton Krenak**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2015.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Manaus: Editora Valer, 2015.

251

MACIEL, Márcia Nunes. **Tecendo Tradições Indígenas**. 2016. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

MUNDURUKU, Daniel. **Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória**. São Paulo: Studio Nobel, 2005.

MUNDURUKU, Daniel. **Vozes ancestrais: dez contos indígenas**. São Paulo: FTD Educação, 2016.

“RAIO DE SOL”. [Entrevista cedida a] Poliana de Almeida Bruno e Cristiane da Silveira. Aldeia Severino Tefé/ AM, dez. 2022. Entrevista concedida para fins de pesquisa.

Sobre a autoria

¹Mestrado em Ciências Humanas – Teoria, História e Crítica da Cultura (2021 – atual) pela Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: pdab.mic21@uea.edu.br.

²Doutorado em História Social (2011) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Adjunta da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: csilveira@uea.edu.br.